

EVOLUÇÃO



6 Anos.

A mesma essência.



Coordenaram esta edição: Manuel Francisco Neto / Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco / Vilma Maria da Silva

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/2675-2573.rpe.63>

Editor Responsável: Antônio Raimundo Pereira Medrado
Editor correspondente (ANGOLA): Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac dos Santos Pereira
José Wilton dos Santos
Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial (Angola):

Manuel Francisco Neto
Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Dr. Adefilson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Edson da Conceição Graça (Angola)
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto (Angola)
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco (Angola)
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza
Prof. Me. Tavares dos Santos Muhongo (Angola)
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo
Prof. Me. Wilder Dala Quinjango (Angola)

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Prof. Dr. Adefilson Batista Lins
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Prof. Dr. Isac Chateaneuf
Jornalista João Domingos Terin (William Terin)
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Me. José Wilton dos Santos
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza

Web-edição:

T.I. Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuefrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 7, n. 63 (fev. 2026). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2026. 208 p. : il. color

Bibliografia

Publicação contínua desde 2020.

Bimestral

e-ISSN 2675-2573

Disponível apenas online.

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.63

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

Em parceria com:



São Paulo | 2026

Publicada no Brasil por:

Livro Alternativo
www.livroalternativo.com.br
CNPJ: 28.657.494/0001-09

05 EDITORIAL

Antonio R P Medrado

Isac Chateaufeuf

07 ESPECIAL

12 POIESIS

J. Wilton

ARTIGOS

1. A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA E SEUS IMPACTOS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL <i>Adriana Pereira Santos da Silva</i>	19
2. GARATUJAS E A CONSTRUÇÃO DO DESENHO INFANTIL COMO LINGUAGEM <i>Adriana Silva de Santana Barros</i>	26
3. MATERIAIS DE LARGO ALCANCE: DO CESTO DE TESOUROS À CONSCIÊNCIA AMBIENTAL <i>Amanda Zuza dos Anjos</i>	31
4. DAS PÁGINAS AUSENTES AOS FUTUROS POSSÍVEIS: LITERATURA NEGRA, ACERVOS ESCOLARES E A EMERGÊNCIA AFROFUTURISTA COMO PROJETO DE MUNDO <i>Bianca de Assis Pirahy</i>	41
5. A UNIÃO: O CONCEITO MATEMÁTICO COMO FUNDAMENTO FILOSÓFICO PARA A AGREGAÇÃO SOCIAL HARMÔNICA NO INSTITUTO DE CIÊNCIAS DE SAÚDE DA UNIVERSIDADE AGOSTINHO NETO <i>Calunda dos Santos Jorge / Júnior Zacarias Miguel Paca</i>	45
6. PERFIL DO CONSUMO DE MEDICAMENTOS EM ESTUDANTES DO CURSO DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - ICISA NO SEGUNDO SEMESTRE DE 2024 <i>Capuma Ernesto Eduardo / Wilson Valdemar Gomes Anilba</i>	50
7. AS CEM LINGUAGENS DA CRIANÇA: REGGIO EMILIA EM FOCO <i>Cícera da Silva Ramos</i>	55
8. O BRINCAR COMO EIXO ESTRUTURANTE DO CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL <i>Cláudia Reolo da Silva Ferreira</i>	62
9. LETRAMENTO MATEMÁTICO: DESENVOLVENDO A COMPREENSÃO E A APLICAÇÃO COTIDIANA NO ENSINO FUNDAMENTAL <i>Denise Teixeira Santos Menezes</i>	68
10. CONSEQUÊNCIAS DO ANALFABETISMO CIENTÍFICO NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR ANGOLANO. UM ESTUDO REALIZADO NA COMUNIDADE ACADÊMICA DO ISIA E DO IDERO – 2025/2026 <i>Edson da Conceição Graça</i>	76
11. DA GARATUJA À ESCRITA: RELAÇÕES ENTRE DESENHO, LINGUAGEM E ALFABETIZAÇÃO INICIAL <i>Elizabeth Aparecida Feitosa Lima</i>	83
12. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E TEA <i>Flávia de Fatima Seraphim Ribeiro</i>	89
13. A IMPORTÂNCIA DA ROTINA ESCOLAR PARA ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA <i>Joice de Andrade Silva</i>	97
14. LIMITAÇÕES DA NOVA GESTÃO PÚBLICA NA REFORMA DO SETOR PÚBLICO ANGOLANO: EVIDÊNCIAS DO SIAC CACUACO <i>José Manuel dos Santos</i>	103
15. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL <i>Leandro de Almeida Oliveira</i>	108
16. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL NO BERÇÁRIO I: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA <i>Lilian Silvana Minho Zanetta</i>	115
17. PSICOPEDAGOGIA, INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL: UM DIÁLOGO CONTEMPORÂNEO ENTRE TEORIA E PRÁTICA <i>Luciane de Jesus Mineiro de Lima</i>	121
18. IMPACTO DA MOTIVAÇÃO NO DESEMPENHO ORGANIZACIONAL. ESTUDO REALIZADO NO INSTITUTO POLITÉCNICO NO 131-LUBANGO <i>Lucoque Bernardo</i>	128
19. PREVALÊNCIA DE DEPRESSÃO EM ANGOLA: O CASO DOS RECLUSOS ATENDIDOS NO HOSPITAL PENITENCIÁRIO PSIQUIÁTRICO <i>Manuel Paulo Chamorro</i>	135
20. ENTRE AUTONOMIA E NORMATIZAÇÃO: METODOLOGIA ELOS – CONSTRUINDO COLETIVOS <i>Marcelo Cunha</i>	144
21. A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE LETRAS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS <i>Marli Aparecida Rosa</i>	161
22. EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA <i>Maria de Lourdes Ferreira da Silva</i>	167
23. A INCLUSÃO DO ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN <i>Orlaneide Ferreira Santos Diamante</i>	173
24. A EDUCAÇÃO PSICOMOTORA COMO BASE DAS APRENDIZAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL <i>Paula Dulcídio Rosseto</i>	179
25. O PANINHO DE APEGO COMO PRIMEIRO BRINQUEDO: REFLEXÕES A PARTIR DA PEDAGOGIA MONTESSORI <i>Renata da Costa Braz</i>	186
26. MOVIMENTO E INFÂNCIA: A IMPORTÂNCIA DA MOTRICIDADE NO COTIDIANO ESCOLAR <i>Simone Gomes de Macêdo Miranda Ferreira</i>	193
27. TEORIA DE ACEITAÇÃO DA AUTORIDADE NAS ORGANIZAÇÕES ANGOLANA <i>Ucaca Venâncio António</i>	200



MATERIAIS DE LARGO ALCANCE: DO CESTO DE TESOUROS À CONSCIÊNCIA AMBIENTAL

Amanda Zuza dos Anjos¹

RESUMO: Este artigo analisa o papel dos materiais de largo alcance na ambientação dos espaços de brincar em unidades de Educação Infantil, enfocando suas contribuições para o desenvolvimento da criatividade e da oralidade. A partir de revisão teórica e de experiências pedagógicas alinhadas ao Currículo da Cidade: Educação Infantil e aos Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana, argumenta-se que materiais não estruturados (peças soltas) ampliam possibilidades expressivas, promovem trocas orais significativas e favorecem práticas inclusivas. Propõe-se um conjunto de princípios para a organização do espaço e atividades exemplares, discutindo desafios de mediação docente e procedimentos de documentação formativa. Conclui-se que a intencionalidade pedagógica e a observação sistemática são condições para transformar o material de largo alcance em instrumento de equidade, criatividade e linguagem nas salas da Rede Municipal de São Paulo.

Palavras-chave: Educação Infantil. Criatividade. Desenvolvimento Infantil. Meio Ambiente. Oralidade.

INTRODUÇÃO

Pensar a Educação Infantil como território de descobertas, encantamentos e significações é reconhecer a potência do brincar como linguagem primordial da infância. Nesse universo, cada gesto, olhar e experimentação revela um modo singular de compreender o mundo. Entre tantos caminhos possíveis, os materiais de largo alcance — ou peças soltas, como também são conhecidos — emergem como aliados potentes da aprendizagem, da imaginação e do cuidado. Eles ampliam o horizonte das experiências infantis, aproximando a escola de um espaço de investigação estética, ética e ambiental.

Ao observar as crianças explorando objetos simples — tampinhas, galhos, tecidos, pedras, retalhos, caixas — é possível perceber que esses elementos cotidianos extrapolam a dimensão lúdica

e se transformam em verdadeiros mediadores culturais. O que, para o olhar adulto, poderia ser considerado descartável, para a criança é material de criação, de narrativa e de pensamento. Assim, o que seria sucata ganha novo valor simbólico, transformando-se em barcos, casas, personagens, instrumentos e invenções que traduzem o modo como as crianças constroem e comunicam saberes sobre o mundo.

Essa resignificação dos objetos do cotidiano aproxima-se de uma pedagogia do cuidado e da sustentabilidade, em que o brincar se torna veículo de consciência ambiental. Ao reutilizar materiais, a criança aprende, ainda que de forma intuitiva, que tudo tem origem, uso e destino — e que nossas escolhas impactam o ambiente. O gesto de recolher, guardar, organizar e transformar o que seria descartado envolve uma dimensão ética que

¹ Licenciatura Plena em Pedagogia; Psicopedagogia; e Educação Física. Pesquisadora na área de Educação Especial e Inclusiva. Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo, SME, PMSP

ultrapassa o campo da imaginação e toca o compromisso com a vida no planeta.

O Currículo da Cidade – Educação Infantil (SME-SP, 2019) propõe uma concepção de infância como tempo de investigação, de curiosidade e de autoria. Ao reconhecer o brincar como eixo estruturante das práticas pedagógicas, o documento afirma que é por meio da brincadeira que a criança interpreta e transforma a realidade. Nesse sentido, os materiais de largo alcance são instrumentos privilegiados, pois não possuem função ou forma pré-determinadas. Essa abertura convida à criação, à comunicação e à convivência, promovendo um ambiente de aprendizagens partilhadas e significativas.

Essa abordagem também se alinha à teoria de Simon Nicholson (1971), que defende que o potencial criativo das crianças está diretamente relacionado à variedade e à quantidade de materiais disponíveis no ambiente. Quanto mais aberto e mutável for o espaço, maior será a possibilidade de invenção e de diálogo entre as crianças. O brincar com peças soltas é, portanto, uma oportunidade para que a imaginação se manifeste de forma livre, autônoma e colaborativa.

No contexto brasileiro, Kishimoto (2011) destaca o brincar como prática cultural e pedagógica que articula pensamento, linguagem e emoção. Os materiais de largo alcance favorecem essa articulação ao permitirem que as crianças explorem noções espaciais, matemáticas, simbólicas e sociais em experiências contextualizadas. Além disso, convidam à escuta, à argumentação e à oralidade, na medida em que cada criação exige palavras, explicações e narrativas. Assim, o brincar livre, intencionalmente planejado, torna-se também um poderoso campo de desenvolvimento da linguagem.

Sob a perspectiva de Vygotsky (1991), o conhecimento é fruto da interação mediada entre sujeitos e objetos. Os materiais de largo alcance expandem essas possibilidades de mediação, pois favorecem a colaboração entre pares e a troca de estratégias. O papel do educador é, então, o de mediador e provocador: nomear descobertas, suscitar perguntas, ajudar a refletir sobre a origem e o destino dos objetos. Esse processo transforma o

brincar em experiência dialógica e reflexiva, aproximando-o da educação ambiental crítica, em que aprender e cuidar são dimensões inseparáveis.

A reflexão sobre o uso desses materiais se insere, ainda, em um contexto global de preocupação com a sustentabilidade e com o futuro do planeta. A Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas estabelece, entre seus Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), o compromisso de assegurar uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade (ODS 4), promover padrões de consumo e produção responsáveis (ODS 12) e combater as mudanças climáticas (ODS 13). Incorporar práticas de reuso e valorização dos materiais no cotidiano escolar significa, portanto, contribuir para a formação de sujeitos conscientes, solidários e comprometidos com o bem comum.

A Educação Infantil tem papel fundamental nesse processo, pois é nesse estágio que se formam as primeiras percepções de pertencimento e responsabilidade ambiental. Quando a criança aprende a cuidar do que utiliza, a reparar o que se quebra ou a transformar o que seria lixo em objeto de brincadeira, está exercitando, de forma concreta, os princípios da sustentabilidade. Trata-se de uma educação ambiental desde o berço, que nasce do encantamento e se consolida na experiência sensível.

Além de promover aprendizagens cognitivas, o uso dos materiais de largo alcance mobiliza dimensões afetivas e éticas. Como afirma Paulo Freire (2011), educar é um ato político e amoroso, voltado à transformação do mundo. Assim, quando o educador escolhe reutilizar, compartilhar e valorizar a simplicidade dos objetos, está afirmando, junto às crianças, uma postura crítica diante da cultura do consumo e do descarte. Cada experiência de reuso se torna, então, um gesto pedagógico de resistência e esperança.

Os Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulista (SME-SP, 2016) reforçam essa visão ao apontar que uma instituição de qualidade é aquela que assegura às crianças o direito de interagir com o ambiente de forma ativa e criativa. Ao propor o uso de materiais reaproveitados, naturais e diversificados, os indicadores reconhecem que a sustentabilidade é parte constitutiva de uma

pedagogia comprometida com o presente e o futuro. A escola, nesse sentido, torna-se laboratório vivo de experimentação ambiental e estética.

Assim, pensar os materiais de largo alcance é pensar uma escola que se reinventa a partir da simplicidade, da beleza e da consciência. É reconhecer que cada tampinha, cada caixa e cada pedaço de tecido carregam não apenas possibilidades pedagógicas, mas também mensagens éticas e políticas. Do cesto de tesouros à consciência ambiental, percorremos um caminho que une o brincar à sustentabilidade, a imaginação à cidadania e o gesto à transformação.

Essa trajetória revela que os materiais de largo alcance não são apenas recursos pedagógicos, mas expressões de uma filosofia educativa comprometida com a vida. Uma filosofia que vê na infância a possibilidade de reencantar o mundo, de reaprender a cuidar e de reconstruir relações mais equilibradas com a natureza. É nesse diálogo entre o brincar e o planeta que se tece o sentido profundo deste estudo: compreender como as práticas cotidianas da Educação Infantil podem contribuir, de maneira sensível e concreta, para a construção de uma cultura de paz, solidariedade e sustentabilidade.

O PENSAR SOBRE OS MATERIAIS DE LARGO ALCANCE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Pensar os materiais de largo alcance na Educação Infantil é abrir espaço para uma reflexão que ultrapassa a dimensão do brincar e toca questões éticas, estéticas e ambientais. Ao observarmos as crianças explorando objetos simples — tampinhas, potes, galhos, retalhos, pedras, caixas — percebemos que esses elementos cotidianos são, na verdade, tesouros pedagógicos, capazes de nutrir a curiosidade, a imaginação e o cuidado com o mundo. O que, à primeira vista, pode parecer sucata, nas mãos das crianças se transforma em barco, moradia, personagem, invenção. Assim, do cesto de tesouros nasce também uma consciência ambiental, construída a partir da relação sensível com os materiais e com o planeta.

O Currículo da Cidade – Educação Infantil (SME-SP, 2019) orienta o trabalho docente a partir da concepção de infância como tempo de investigação e

experimentação. Ele reconhece o brincar como eixo estruturante e como linguagem por meio da qual a criança interpreta e transforma a realidade. Nesse contexto, os materiais de largo alcance — também chamados de peças soltas — assumem papel central: por não possuírem forma ou função predeterminadas, permitem infinitas combinações e usos, promovendo autoria, criatividade e oralidade. A criança, ao manipular o material, constrói significados, comunica-se com os pares e elabora hipóteses sobre o mundo físico e social que a cerca.

Essa abertura para a invenção faz do material de largo alcance um poderoso mediador da linguagem. Ao transformar uma garrafa em tambor ou um pedaço de tecido em capa de super-herói, a criança não apenas brinca, mas narra, explica, argumenta. Cada criação exige palavras: “é um barco que voa”, “é um bolo de aniversário”, “é uma casa para os insetos”. O gesto se entrelaça à fala, e o espaço de brincar se converte em cenário de múltiplas expressões orais. É por isso que o brincar livre, quando sustentado por uma intencionalidade pedagógica, se torna também território de ampliação da oralidade e da escuta.

Os Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana (SME-SP, 2016) reforçam que uma instituição de qualidade é aquela que assegura diversidade de experiências e materiais, reconhecendo o direito de cada criança de interagir com o ambiente de forma ativa e criativa. Ao proporem a autoavaliação da escola, esses indicadores nos convidam a observar: que histórias nossos espaços contam? Que relação com o meio ambiente eles inspiram? Quando priorizamos materiais reaproveitados, naturais ou recicláveis, não estamos apenas oferecendo recursos pedagógicos acessíveis — estamos ensinando, pelo exemplo, uma ética do cuidado e da sustentabilidade. O ato de recolher, selecionar e organizar objetos que seriam descartados envolve tanto professoras e professores quanto as próprias crianças em um exercício de consciência ambiental coletiva.

Essa dimensão ética encontra respaldo nas ideias de Paulo Freire (2011), para quem educar é um ato político e amoroso, comprometido com a transformação do mundo. Ao promover experiências

em que as crianças reutilizam e ressignificam materiais, o professor cria condições para que elas compreendam que o aprender está vinculado ao respeito à natureza e ao outro. Nesse sentido, a prática do reuso se converte em gesto pedagógico e simbólico: brincar com aquilo que seria lixo é também questionar o consumo e afirmar o valor do que é simples, comum, compartilhado.

Do ponto de vista do desenvolvimento, Vygotsky (1991) nos ajuda a entender que o conhecimento se constrói na interação mediada com objetos e pessoas. Os materiais de largo alcance, por sua natureza aberta, ampliam as zonas de desenvolvimento proximal, pois convidam à colaboração e à troca de estratégias entre pares. Uma criança descobre uma nova forma de empilhar, outra inventa uma função inesperada — e, nesse processo, todas aprendem umas com as outras. O professor, como mediador, atua oferecendo palavras, nomeando descobertas, promovendo a reflexão sobre os usos dos materiais e sobre sua origem: “de onde veio essa caixa?”, “como podemos cuidar dela para que dure mais?”, “o que acontece com o plástico quando o jogamos fora?”. Assim, o brincar torna-se também educação ambiental, vivida em linguagem concreta e afetiva.

Autores como Kishimoto (2011) e Lorenzato (2006) destacam que o brincar e o uso de materiais concretos constituem caminhos privilegiados para a construção do pensamento lógico e criativo. Ao planejar ambientes ricos em materiais de largo alcance, o professor amplia as possibilidades de exploração sensorial, de comunicação e de pensamento matemático e espacial. Quando as crianças classificam, medem, agrupam e comparam objetos, estão mobilizando noções fundamentais da matemática e da linguagem de forma contextualizada e prazerosa.

A perspectiva de Simon Nicholson (1971), criador da teoria das “loose parts”, complementa essa reflexão ao afirmar que a criatividade das crianças está diretamente relacionada à variedade e à quantidade de elementos disponíveis no ambiente. Em outras palavras, quanto mais aberto e mutável for o espaço, maior o potencial criativo e comunicativo que ele oferece. Essa teoria se conecta

com o conceito de cesto de tesouros, proposto por Elinor Goldschmied, que valoriza a exploração livre de objetos naturais e domésticos por bebês e crianças pequenas. Nessa prática, o professor não ensina “como usar”, mas observa, registra e se deixa surpreender pelas invenções que emergem do encontro entre criança e material.

No contexto da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, onde o Currículo da Cidade e os Indicadores de Qualidade propõem uma educação comprometida com os direitos de aprendizagem e com a sustentabilidade, os materiais de largo alcance representam uma síntese potente entre o pedagógico e o ambiental. Ao mesmo tempo em que favorecem o desenvolvimento da oralidade, da imaginação e da cooperação, esses materiais estimulam o pensamento ecológico e o senso de responsabilidade compartilhada. Cada tampinha recolhida, cada caixa reaproveitada, cada galho transformado em brinquedo ensina, silenciosamente, que cuidar do mundo é também aprender com ele.

Assim, do cesto de tesouros à consciência ambiental, percorremos um caminho que é estético, ético e político. Estético, porque nos convida a perceber beleza na simplicidade dos objetos e nas criações das crianças. Ético, porque nos convoca a pensar no impacto de nossas escolhas materiais e pedagógicas. E político, porque afirma o direito de cada criança de viver experiências de aprendizagem que respeitem a vida em todas as suas formas. Essa é a potência dos materiais de largo alcance: ensinar a imaginar, a criar e, ao mesmo tempo, a cuidar.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL DESDE O BERÇO: O BRINCAR COMO LINGUAGEM DO CUIDADO

Inserir a educação ambiental na Educação Infantil é reconhecer que o vínculo afetivo com a natureza nasce nos gestos mais simples e cotidianos. Quando uma criança recolhe folhas secas para compor um mosaico, constrói uma casa de galhos ou transforma uma garrafa plástica em instrumento musical, ela está aprendendo, de forma concreta, que o meio ambiente é parte de sua vida e que suas ações têm consequências sobre ele. Nesse sentido, o brincar torna-se a primeira linguagem do cuidado,

pois é por meio dele que a criança experimenta a interdependência entre si, os outros e o mundo natural.

Segundo a Política Nacional de Educação Ambiental (Lei nº 9.795/1999), a educação ambiental deve promover “valores, atitudes e competências voltadas à conservação do meio ambiente e à melhoria da qualidade de vida” (BRASIL, 1999). No contexto da Educação Infantil, essa lei ganha corpo nas experiências de encantamento e responsabilidade: tocar, sentir, transformar e cuidar. O brincar, portanto, não se reduz a uma atividade recreativa, mas constitui-se como prática pedagógica e ética, em que o contato sensorial com os elementos da natureza desperta a sensibilidade e o respeito pela vida.

Essa perspectiva encontra eco nas ideias de Paulo Freire (2011, p. 38), quando afirma que “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”. Ao valorizar o saber da criança sobre a natureza — o modo como ela observa, pergunta e interpreta o ambiente — o educador promove um diálogo autêntico, no qual o aprender surge da experiência. Para Freire, educar é um ato de amor e de esperança, e, nesse sentido, educar para o cuidado ambiental é educar para a humanização. A criança que brinca com o que encontra ao seu redor, que aprende a reutilizar e a respeitar, já está exercitando a cidadania ecológica em sua forma mais elementar.

O brincar com materiais reaproveitados desperta o olhar para o valor do que já existe, contrapondo-se à lógica do consumo e do descarte. Kishimoto (2011, p. 45) destaca que “brincar é a forma mais completa de expressão infantil, pois envolve o corpo, a emoção, a mente e a cultura”. Ao reutilizar objetos que teriam como destino o lixo, a criança reinventa seus significados e cria novas formas de relação com o mundo. Assim, o ato de brincar torna-se também um gesto político e ambiental, que questiona o uso excessivo de recursos e promove uma cultura de reaproveitamento e cuidado.

Em uma prática concreta observada em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) da cidade de São Paulo, professores e crianças organizaram um projeto chamado “Brinquedos que cuidam do planeta”. As famílias foram convidadas a

enviar para a escola objetos sem uso — tampas, rolos de papel, potes, tecidos, garrafas — que seriam transformados em brinquedos e instrumentos sonoros. Durante a atividade, as crianças classificaram os materiais, exploraram sons e texturas e construíram coletivamente um “museu do reuso”. Essa prática simples resultou não apenas em um espaço lúdico, mas também em um ambiente de reflexão sobre o consumo e o destino dos resíduos, reforçando valores de responsabilidade compartilhada e pertencimento.

A Educação Infantil, quando pautada por princípios da educação ambiental crítica, propõe uma formação que integra razão e sensibilidade. Inspirada em Vygotsky (1991), compreende-se que a aprendizagem é resultado da interação social mediada por objetos e pessoas. O ambiente educativo, quando organizado com materiais naturais e reaproveitados, amplia as zonas de desenvolvimento das crianças, convidando-as à cooperação e à reflexão sobre os ciclos da natureza. Perguntas como “de onde veio essa pedra?”, “como podemos fazer esse brinquedo durar mais?” ou “o que acontece se jogarmos o plástico na rua?” abrem espaço para o pensamento ecológico desde cedo.

Além de seu valor pedagógico, o brincar com materiais de largo alcance tem uma dimensão estética e ética. Nicholson (1971), ao propor a teoria das loose parts, defende que “todas as crianças têm o direito de manipular uma variedade de materiais e ambientes para inventar, descobrir e criar”. Essa visão aproxima-se de uma pedagogia da sustentabilidade, na qual o professor oferece oportunidades de exploração sem impor funções prévias aos objetos, permitindo que as crianças criem novas relações entre matéria e significado. Assim, brincar com elementos naturais — folhas, conchas, pedras, gravetos — é também brincar com a vida, reconhecendo a beleza e a fragilidade do mundo natural.

Nesse sentido, a Agenda 2030 da ONU fornece um horizonte ético e político para a ação educativa. O ODS 4 (Educação de Qualidade) convoca as instituições a “assegurar educação inclusiva e equitativa e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos”, o que

implica formar sujeitos críticos, criativos e responsáveis. As experiências com materiais não estruturados e de reaproveitamento estimulam a curiosidade, a cooperação e a criatividade — competências essenciais para o desenvolvimento sustentável.

O ODS 12 (Consumo e Produção Responsáveis) está presente nas práticas de reuso e reciclagem propostas pela escola. Cada caixa reaproveitada ou tampinha coletada é um pequeno ato de resistência ao descarte e um exercício de consciência ambiental. Já o ODS 13 (Ação contra a Mudança Global do Clima) manifesta-se nas ações educativas que envolvem o diálogo sobre o impacto das atitudes humanas no planeta. Quando o professor pergunta “para onde vai o lixo?” ou “o que acontece com o plástico no mar?”, ele convida as crianças a pensar globalmente a partir de experiências locais.

Um exemplo complementar é o projeto de “horta sensorial”, realizado em turmas de pré-escola, no qual as crianças cultivam ervas e hortaliças em recipientes reaproveitados, como garrafas pet e caixas de leite. Durante o processo, elas observam o crescimento das plantas, o ciclo da água e o papel dos insetos no ecossistema. As atividades de regar, adubar e colher são acompanhadas por registros, desenhos e narrativas, que ampliam a oralidade e a compreensão sobre o cuidado com os seres vivos. Assim, o brincar e o plantar se entrelaçam, revelando que a sustentabilidade é aprendida na prática e pela experiência compartilhada.

Ao incorporar essas práticas, os materiais de largo alcance deixam de ser apenas recursos pedagógicos e se tornam instrumentos de transformação social e ambiental. Como afirma Freire (2011, p. 93), “é preciso que a educação esteja a serviço da humanização e da libertação”. Ao integrar o brincar, o reuso e o cuidado, a Educação Infantil participa ativamente da construção de uma cultura de sustentabilidade, equidade e respeito. Cada gesto, por menor que pareça — guardar o brinquedo, reaproveitar o papel, plantar uma muda — carrega o poder de ensinar que cuidar do mundo é também aprender com ele.

O PAPEL DO EDUCADOR: INTENCIONALIDADE, SENSIBILIDADE E COMPROMISSO COM O FUTURO

O professor é o elo entre a experiência sensível e o pensamento crítico. Sua função não é apenas oferecer materiais, mas criar contextos de investigação e diálogo em que as crianças possam relacionar suas descobertas com o cuidado ambiental. Isso exige uma postura investigativa e reflexiva: observar como as crianças exploram os objetos, acolher suas hipóteses e provocar novas perguntas — “de onde veio esse galho?”, “por que essa tampinha tem cor diferente?”, “o que acontece se ela for jogada fora?”. Como afirma Vygotsky (1991, p. 68), “o que a criança consegue fazer hoje em cooperação, conseguirá fazer sozinha amanhã”; portanto, cabe ao educador criar situações em que a colaboração, a curiosidade e a consciência ecológica se desenvolvam em conjunto.

Essa mediação intencional transforma o espaço educativo em ambiente de pesquisa e cuidado. Ao preparar o ambiente com materiais de largo alcance — pedaços de madeira, tampinhas, potes, tecidos, conchas, pedrinhas — o educador possibilita experiências que envolvem estética, ciência e ética. O simples gesto de recolher e selecionar materiais já constitui uma ação pedagógica de sustentabilidade, pois ensina que cada escolha tem implicações ambientais. Kishimoto (2011, p. 37) afirma que “o brinquedo e o brincar são instrumentos de cultura e de socialização, constituindo meios pelos quais a criança apreende e transforma o mundo”. Nesse sentido, quando o professor propõe o uso de materiais reaproveitados, está oferecendo às crianças a oportunidade de transformar o mundo concreto, compreendendo o valor e o ciclo dos objetos ao seu redor.

Um exemplo prático dessa abordagem pode ser observado em experiências realizadas em Centros de Educação Infantil da Rede Municipal de São Paulo, onde professores e crianças criam “ateliers de reuso”: espaços dedicados à coleta e à reorganização de resíduos limpos trazidos pelas famílias. Garrafas pet se tornam instrumentos musicais, caixas de papelão viram casinhas ou cenários, e retalhos são costurados em colchas

coletivas. O processo é acompanhado por conversas sobre o consumo e o destino do lixo, permitindo que as crianças participem de todas as etapas — da coleta ao reaproveitamento. Essa prática materializa o ODS 12 (Consumo e Produção Responsáveis), ensinando de modo concreto que “brincar é também cuidar” e que o que seria descartado pode gerar beleza, cooperação e aprendizado.

Essas pequenas conversas e ações cotidianas ampliam a consciência ambiental e constroem pontes entre o brincar e o mundo real. A educação ambiental, nesse contexto, não é uma disciplina isolada, mas um modo de estar e aprender no mundo. Quando a professora organiza um espaço de brincar com elementos naturais — folhas secas, gravetos, sementes, pedras — propõe uma vivência estética e ética, em que o respeito à natureza é sentido antes mesmo de ser compreendido racionalmente. De acordo com Nicholson (1971), quanto maior a variedade de materiais disponíveis para manipulação, maior o potencial criativo das crianças. Essa variedade, quando proveniente de fontes naturais ou de reuso, introduz uma dimensão ecológica ao design do ambiente educativo, que passa a ser não apenas cenário do brincar, mas território de sensibilização ambiental.

Inspirados por Paulo Freire, compreendemos que ensinar é um ato de esperança e responsabilidade com o futuro. “A educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo” (FREIRE, 2011, p. 67). O educador que escolhe o reuso, a simplicidade e a beleza cotidiana está dizendo às crianças que outro modo de viver é possível. Ao preparar um “cesto de tesouros” com materiais encontrados em passeios pela comunidade — galhos, sementes, pedras, tecidos antigos — o professor convida as crianças a investigar a origem e a utilidade de cada elemento. Assim, o brincar se torna uma experiência de aprendizagem ecológica e afetiva, que integra corpo, emoção, linguagem e ética.

Outra prática inspiradora consiste em projetos de horta escolar e compostagem integrados às atividades com materiais de largo alcance. As crianças utilizam potes plásticos, latas e caixas de ovos como recipientes para semear, transformando

o que seria lixo em suporte para o cultivo. Paralelamente, folhas e restos de frutas do lanche são levados à composteira, onde as crianças observam o processo de decomposição e transformação em adubo. O professor, como mediador, propõe registros, desenhos e hipóteses: “o que acontece com as cascas depois de alguns dias?”, “como a terra muda de cor?”, “para que serve o adubo?”. Assim, o brincar, o experimentar e o cuidar se entrelaçam, fortalecendo a percepção de pertencimento e responsabilidade ambiental.

Nessas experiências, a intencionalidade pedagógica se alia à sensibilidade ética. O educador assume o papel de curador de experiências (SME-SP, 2019), selecionando materiais, organizando tempos e espaços que favoreçam a autonomia e a investigação das crianças. Mais do que “ensinar sobre” sustentabilidade, ele cria oportunidades para vivê-la. Cada caixa reaproveitada, cada tampinha coletada, cada conversa sobre o destino do lixo se converte em prática pedagógica e política. O espaço educativo, então, reflete o compromisso coletivo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e com a formação de sujeitos críticos, criativos e cuidadosos.

Assim, os materiais de largo alcance se convertem em pontes entre o presente e o futuro, entre o brincar e o planeta que queremos habitar. A sensibilidade do professor ao reconhecer a potência educativa do simples e do cotidiano faz emergir uma pedagogia que une estética, ética e sustentabilidade. Nas palavras de Freire (2011, p. 72), “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” — e é justamente nesse diálogo com o mundo material e natural que as crianças aprendem a cuidar da vida em todas as suas formas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, buscou-se compreender como os materiais de largo alcance podem se constituir como instrumentos pedagógicos, éticos e ambientais na Educação Infantil. O percurso realizado revelou que, muito além de simples objetos de brincadeira, esses materiais são mediadores de experiências, linguagens e relações que favorecem o

desenvolvimento integral das crianças e promovem uma cultura de sustentabilidade e cuidado com a vida. Neles, a infância encontra o espaço da invenção, e a escola, a oportunidade de se reinventar a partir da simplicidade e da consciência.

A reflexão sobre o brincar como linguagem do cuidado mostrou que a educação ambiental não começa em projetos grandiosos, mas nos pequenos gestos cotidianos: guardar, reaproveitar, cuidar, reparar. Cada ação desse tipo ensina que o mundo é tecido por interdependências e que nossas escolhas têm consequências. Quando a criança transforma o que seria lixo em brinquedo, experimenta concretamente a noção de que é possível viver de modo mais justo, criativo e solidário. É nesse cotidiano sensível que se formam as bases de uma ética ecológica, construída a partir da relação afetiva com o ambiente.

Como indicam Kishimoto (2011) e Vygotsky (1991), o brincar é espaço de elaboração simbólica, de linguagem e de pensamento. A manipulação de materiais não estruturados amplia as zonas de desenvolvimento das crianças e convida à cooperação e ao diálogo. Nesse contexto, o educador assume papel essencial: não é apenas quem propõe atividades, mas quem provoca, escuta, nomeia e ressignifica o que acontece nas interações. A intencionalidade docente transforma o brincar em um campo de pesquisa e autoria, no qual o conhecimento se constrói pela experiência compartilhada.

Ao integrar o brincar ao cuidado ambiental, a Educação Infantil reafirma sua vocação como primeiro território de cidadania. A criança que aprende a cuidar do brinquedo, do espaço, do jardim e dos colegas está também aprendendo a cuidar do mundo. Trata-se de uma educação ambiental crítica, conforme propõe a Política Nacional de Educação Ambiental (Lei nº 9.795/1999), que busca formar sujeitos capazes de compreender, sentir e transformar a realidade. O cuidado, nesse sentido, não é uma disciplina, mas um modo de ser no mundo — um valor que atravessa o currículo e as relações.

As experiências analisadas — ateliês de reuso, hortas sensoriais, museus do reaproveitamento — mostram que o uso de materiais

de largo alcance concretiza princípios da Agenda 2030 da ONU, especialmente os ODS 4, 12 e 13. Promover uma educação de qualidade é também garantir que as crianças vivam aprendizagens significativas e contextualizadas, que despertem o senso de responsabilidade ambiental. O reuso, a reciclagem e a reflexão sobre o destino dos resíduos são práticas que, quando vividas na infância, têm o poder de moldar atitudes futuras mais conscientes e éticas.

Do ponto de vista pedagógico, essas experiências revelam que a sustentabilidade se aprende brincando. Ao planejar ambientes ricos, abertos e mutáveis, o professor cria oportunidades para a curiosidade, a imaginação e a cooperação florescerem. A teoria das “loose parts”, de Nicholson (1971), reafirma que quanto maior a variedade de materiais disponíveis, maior o potencial criativo e comunicativo das crianças. Essa multiplicidade de possibilidades, aliada à prática do reuso, faz do espaço escolar um território de experimentação estética e ambiental.

Nesse processo, a figura do educador ganha centralidade. Ele é o elo entre a sensibilidade e o pensamento crítico, aquele que transforma o cotidiano em experiência de aprendizagem e o simples em significado. Inspirado por Paulo Freire (2011), compreende-se que ensinar é um ato político e amoroso, voltado à humanização. O professor que escolhe o reuso e a simplicidade dos materiais comunica às crianças que outro modo de viver é possível — um modo pautado na solidariedade, no respeito e na esperança. Assim, o brincar torna-se um ato de resistência diante da cultura do descarte e um gesto de compromisso com o futuro.

A Educação Infantil Paulistana, ao incorporar em seu Currículo (SME-SP, 2019) e nos Indicadores de Qualidade (SME-SP, 2016) a valorização da diversidade de materiais e de experiências, aponta caminhos para uma pedagogia que une estética, ética e sustentabilidade. Ao reconhecer a criança como sujeito ativo, curioso e criador, a escola assume seu papel de laboratório vivo de cidadania ambiental, onde o aprender e o cuidar caminham juntos. Essa concepção reafirma que a formação para a sustentabilidade começa desde o berço e se fortalece no brincar compartilhado.

Mais do que um recurso didático, os materiais de largo alcance representam uma filosofia educativa que convida a rever nossos modos de consumo, de relação e de presença no mundo. Eles nos lembram que a infância é o tempo do encantamento, da curiosidade e da invenção — e que é nesse tempo que se plantam as sementes de uma nova ética planetária. Ao olhar para o que é simples e cotidiano com olhos de descoberta, as crianças nos ensinam que o essencial não está no novo, mas no reencontro com o que já existe e pode ser transformado.

Em síntese, este trabalho reafirma que os materiais de largo alcance são pontes entre o brincar e o planeta, entre a imaginação e a sustentabilidade. Eles nos desafiam a pensar uma educação que una razão e sensibilidade, teoria e prática, estética e ética. Nas mãos das crianças, uma tampinha deixa de ser lixo e se torna símbolo de esperança — de que é possível aprender e ensinar com o que temos, cuidar do que usamos e transformar o mundo a partir do brincar. Assim, a Educação Infantil cumpre seu papel mais nobre: formar sujeitos que brinquem, sonhem e cuidem, reconhecendo na vida — em todas as suas formas — o maior de todos os tesouros.

GLOSSÁRIO

Agenda 2030: Plano global firmado pelos países membros da ONU em 2015, com 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) para promover o equilíbrio entre desenvolvimento econômico, justiça social e preservação ambiental até 2030.

Brincar heurístico: Prática pedagógica em que as crianças exploram livremente objetos e materiais do cotidiano, investigando suas propriedades e possibilidades. Inspirada nas ideias de Elinor Goldschmied.

Cesto de Tesouros: Proposta criada por Elinor Goldschmied para bebês e crianças pequenas, que consiste em oferecer um cesto com objetos naturais e domésticos variados, favorecendo a exploração sensorial e a curiosidade.

Consciência ambiental: Capacidade de perceber a interdependência entre os seres humanos e a natureza, compreendendo o impacto das ações individuais e coletivas sobre o meio ambiente.

Educação Ambiental: Processo contínuo de aprendizagem que busca desenvolver valores, conhecimentos e atitudes voltados para a conservação do meio ambiente e o uso sustentável dos recursos naturais. No Brasil, é regulamentada pela Lei nº 9.795/1999.

Materiais de largo alcance (ou peças soltas): Objetos sem função pré-determinada — como tampinhas, galhos, tecidos, potes, pedras, caixas — que podem ser usados livremente pelas crianças em brincadeiras criativas e exploratórias. Baseados na Teoria das Loose Parts, de Simon Nicholson.

ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável): Conjunto de 17 metas globais estabelecidas pela ONU para erradicar a pobreza, proteger o planeta e garantir prosperidade para todos até 2030.

Oralidade: Habilidade de expressar ideias, sentimentos e experiências por meio da fala, central na aprendizagem e nas interações na Educação Infantil.

Reuso: Ato de utilizar novamente um material, objeto ou recurso, prolongando sua vida útil e reduzindo o descarte e o consumo excessivo.

Sustentabilidade: Princípio que busca atender às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações de suprirem suas próprias necessidades, equilibrando dimensões ambiental, social e econômica.

Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): Conceito de Lev Vygotsky que descreve a distância entre o que a criança consegue fazer sozinha e o que pode realizar com a ajuda de um adulto ou de seus pares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (LDB). Diário Oficial da União: Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- BRASIL. **Lei nº 9.795**, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 28 abr. 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília, DF: MEC, 2018.
- BRASIL. **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 26 jun. 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e

Terra, 2011.

GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. **As pessoas muito pequenas: o cuidado, a educação e o desenvolvimento dos bebês em creches**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LORENZATO, Sérgio. **O laboratório de ensino de matemática e materiais didáticos manipuláveis**. Campinas: Autores Associados, 2006.

NICHOLSON, Simon. How Not to Cheat Children: The Theory of Loose Parts. **Landscape Architecture**, v. 62, n. 1, p. 30-34, 1971.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Currículo da Cidade: Educação Infantil**. São Paulo: SME, 2019.

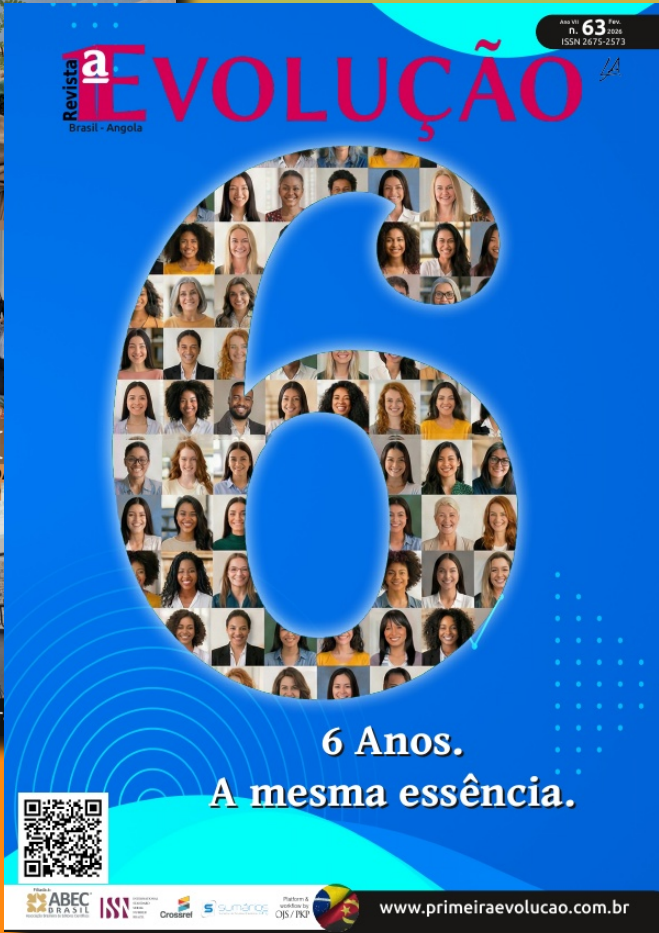
SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana**. São Paulo: SME, 2016.

SÃO PAULO (Município). **Lei Municipal nº 14.887**, de 15 de janeiro de 2009. Institui a Política Municipal de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da Cidade de São Paulo: São Paulo, SP, 16 jan. 2009.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente. **Plano de Educação Ambiental do Município de São Paulo (PEA-SP)**. São Paulo: SVMA, 2018.

UNITED NATIONS (ONU). **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Tradução do Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil (UNIC Rio). Nova York: ONU, 2015.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.



www.primeiraevolucao.com.br



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.63>



COORDENAÇÃO:
 Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
 Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
 Profa. Esp. Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

- Adriana Pereira Santos da Silva
- Adriana Silva de Santana Barros
- Amanda Zuza dos Anjos
- Bianca de Assis Pirahy
- Calunda dos S. Jorge / Júnior Zacarias M.Paca
- Capuma E. Eduardo / Wilson V. Gomes Anilba
- Cícera da Silva Ramos
- Cláudia Reolo da Silva Ferreira
- Denise Teixeira Santos Menezes
- Edson da Conceição Graça
- Elizabeth Aparecida Feitosa Lima
- Flávia de Fatima Seraphim Ribeiro
- Joice de Andrade Silva
- José Manuel dos Santos
- Leandro de Almeida Oliveira
- Lilian Silvana Minho Zanetta
- Luciane de Jesus Mineiro de Lima
- Lucoque Bernardo
- Manuel Paulo Chamorro
- Marcelo Cunha
- Marli Aparecida Rosa
- Maria de Lourdes Ferreira da Silva
- Orlaneide Ferreira Santos Diamante
- Paula Dulcídio Rosseto
- Renata da Costa Braz
- Simone Gomes de Macêdo Miranda Ferreira
- Ucaca Venâncio Antônio

Indexadores:



Filiada à:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



Parceiros:

